

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO COGNITIVA DA
CRIANÇA**

Autora: Marcielli Ferreira Contini

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

**JUÍNA/MT
2013**

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A RELEVÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO COGNITIVA DA CRIANÇA

Autora: Marcielli Ferreira Contini

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

“Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia, do Instituto Superior do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.”

JUÍNA/MT
2013

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Suzana Oliveira Martins

Prof. Esp. Tatiane Ferreira Garcia

Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia
ORIENTADOR

Inteiramente aos meus pais que me incentivaram nessa caminhada e compartilharam minha perseverança em mais uma vitória em nossas vidas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e Meishu-Sama pela proteção a qual me fortaleceu nessa caminhada dando força e sabedoria.

Agradeço imensamente aos meus pais, Marcelino Contini e Adacir Ferreira Contini, pois é por eles que não desisti dos desafios que a vida me apresenta. Eles me incentivaram e acreditaram no meu potencial, me mostraram que os sonhos são possíveis, basta acreditar e nos esforçarmos. Sempre me estimularam e auxiliaram nos momentos de dificuldade durante estes três anos e meio de faculdade.

Com muito carinho que agradeço a minha tia Odila Veronese, a qual me ajudou em muitos momentos em que precisei, com amor e sabedoria me impulsionou à realização de uma graduação.

Quero agradecer aos docentes que me acompanharam durante toda a formação, com conhecimento, experiência e carinho, em especial ao meu orientador professor Dr. Cláudio Silveira Maia, pela inestimável ajuda, que serenamente me orientou nos momentos de ansiedade e desânimo.

Agradeço de coração as minhas colegas de classe, em especial a Dulcineia Medeiros Lima, Jessyca Paula Garcia e Yara Alves Ribeiro, pela honra de ter convivido com cada uma. Agradeço pela paciência, companheirismo, ajuda e dedicação, pois o apoio de todas foi fundamental para o meu crescimento pessoal nesta jornada.

“A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro”.

(Albert Einstein)

RESUMO

A presente monografia busca oferecer dados sobre a importância dos contos de fada na formação das crianças, tanto no que diz respeito à aquisição de valores, como na construção do aprendizado e no despertar do interesse pela leitura de maneira inerente. Desta forma, os contos de fadas abrem caminho para o mundo e esses caminhos são a chave para um futuro melhor. Esta pesquisa tem o fundamento de revelar a importância dos contos de fada na formação da criança e o seu papel perante a sociedade, conhecendo assim a origem dos contos e descobrir onde tudo começou. Com isso permitir que as crianças tenham acesso à leitura, demonstrando que a leitura infantil é de qualidade e apropriada para uma boa educação. Este trabalho parte do seguinte ponto de que por muitos anos as crianças foram marginalizadas da sociedade, mas com o passar dos anos e a abertura de escolas, diversos autores surgiram com literaturas voltadas ao público infantil. Assim, em decorrência desses dados, foram analisados diferentes autores e coletados diferentes informações, que comprovam que o lúdico aliado à imaginação é a chave para uma educação de qualidade. O universo mágico pode aliviar os fatos reais, funcionando como descobridor de talentos escondidos e momento de liberdade, são através dos contos que as crianças inconscientemente se projetam para o futuro, despertando a curiosidade e estimulando a imaginação, ajudando assim no desenvolver do intelecto, deixando as emoções livres, equilibrando a ansiedade com a pressão que é a vida. Para a realização deste trabalho foi analisada a didática pedagógica da literatura infantil, baseado principalmente nas ideias de Bruno Bettelheim.

Palavras-chave: Contos de Fadas. Lúdico. Imaginação. Criança.

ABSTRACT

This monograph seeks to provide data on the role of fairy tales in the formation of children, both with regard to the acquisition of values, as in the construction of learning and awakening of interest in reading so inherent. Thus fairy tales make way for the world and these paths are the key to a better future, this research has the foundation to reveal the importance of fairy tales in children's formation and its role in society, thus knowing the origin tales, and find out where it all started, it thus allow children access to reading demonstrating how the child is reading quality and suitable for a good education. This work, part of the following point that for many years the children were marginalized, but over the years and the opening of schools, several authors have come up with literature aimed at public child. Thus, because these data were analyzed different authors and different information collected, showing that combined with the playful imagination is the key to a quality education. The magical universe can relieve the actual facts, functioning as discoverer of hidden talents and time freedom is through the stories that children unconsciously project into the future, arousing curiosity and stimulating the imagination, helping to develop the intellect, leaving free the emotions, anxiety balancing the pressure that is life. For this work we analyzed the didactic teaching of children's literature, mainly based on the ideas of Bruno Bettelheim.

Keywords: Fairy Tales. Playful. Imagination. Child.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mula sem Cabeça, Curupira e Saci Pererê.....	18
Imagem 2 – Contos da Mamãe Gansa.....	19
Imagem 3 – Capa da Edição Fábulas.....	20
Imagem 4 – A Historia Cômica.....	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS	12
1.1 SURGIMENTO DAS FADAS E DAS BRUXAS.	14
1.2 MITOS, LENDAS E FÁBULAS.	15
1.3 A CRIANÇA E OS CONTOS DE FADAS.	18
CAPÍTULO II – A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NO COTIDIANO INFANTIL	23
2.1 VALORES, SENTIMENTOS E EMOÇÕES DA CRIANÇA.	24
2.2 OS CONTOS DE FADAS COMO LEITURA.	26
2.3 OS CONTOS DE FADA E A ESCOLA.	27
CONCLUSÃO.	30
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

Este trabalho sobre o tema “A Relevância dos Contos de Fadas na Construção Cognitiva da Criança” procedeu-se da curiosidade em saber mais sobre a importância dos contos de fada na formação de uma criança.

O objetivo deste trabalho é mostrar que devido ao grande avanço da tecnologia ao redor do mundo, os contos de fada estão sendo deixados de lado na formação das crianças, muitos professores preferem utilizar de parâmetros mais modernos a ler uma boa história da qual auxiliará os pequenos na reflexão dos acontecimentos. Mas na formação de uma criança os contos de fada são mais que uma leitura, são pequenas obras de arte recheadas de conhecimento, empregados de uma forma bem visível e compreensível pelas crianças. A linguagem dos contos de fada é ótima, pois encanta e instiga as crianças para os acontecimentos, empregados de uma forma bem visível e compreensível pelas crianças.

Para a consolidação e enriquecimento do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, por perceber, conforme o autor Oliveira, que

as pesquisas que se utilizam da abordagem qualitativa possui a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais, apresentar opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos. (OLIVEIRA, 2002, p.117)

Esta pesquisa bibliográfica teve como base o uso de artigos, livros e documentos que permitiram a fundamentação do tema e sustentaram a construção do texto monográfico.

Com o objetivo traçado, demos início ao seguinte percurso metodológico: o primeiro capítulo tratou da origem dos contos de fadas, mostrando que os contos desde o início foram voltados às crianças e modificados ao longo dos séculos. Neste capítulo, conta-se de uma forma breve o surgimento das fadas e das bruxas, como e porque elas surgiram. Também aborda de forma breve a origem dos mitos, lendas e fábulas. O capítulo dois mostra os principais autores da literatura infantil e sua importância para a educação, como por exemplo, Charles Perrault, Jean de La

Fontaine, Hans Cristian Andersen e os irmãos Grimm. Mostra também a importância dos contos de fada no cotidiano infantil, os valores, sentimentos e emoções que os contos de fadas trazem consigo para a formação da criança. Neste capítulo é mostrado os contos de fada como uma leitura apropriada e de fácil compreensão para as crianças. Por fim, o capítulo traz os contos de fada e a escola, a importância de se utilizar os contos no processo de formação escola da criança.

CAPÍTULO I

A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

A palavra conto deriva do termo em latim *computus*, que significa conta. Segundo o dicionário Aurélio (2004), conto é uma narração falada ou escrita. Seus relatos não possuem um compromisso com a realidade, misturando realidade com imaginação. Silveira (1981) explica o que são os contos de fadas:

Os contos de fada têm origem nas camadas profundas do inconsciente, comuns à psique de todos os humanos. Pertencem ao mundo arquetípico. Por isso seus temas reaparecem de maneira tão evidente e pura nos contos de países os mais distantes, em épocas as mais diferentes, com um mínimo de variações. (SILVEIRA, 1981, p. 119)

De acordo com Silveira (1981), os contos de fadas se manifestam primeiramente no inconsciente, comuns à psique de todos os humanos, dando formato às expressões do imaginário ligando o consciente com inconsciente, tornando assim o que era real em ilusão e o que é ilusão em realidade. O processo ao todo de maturação dos contos amplia e traz segurança às concepções da vida.

Quando se fala em contos de fadas, os primeiros pensamentos são os contos dos irmãos Grimm e de Perrault. Porém, o surgimento dos contos é mais antigo, há relatos históricos que comprovam que os contos surgiram na pré-história e foram se adaptando e modificando com o tempo.

Segundo Coelho (1991), essa necessidade de contar história surgiu quando o homem primitivo sentia a precisão de obter explicações racionais para o mundo. Sendo assim, ele começou a buscar no mito e nas narrativas fantásticas a compreensão de algumas coisas, por exemplo: eles pensavam que os relâmpagos eram armas dos deuses, as águas seriam controladas por sereias ou determinadas árvores ou plantas teriam surgido de algum ato mágico, entre outros vários mitos criados pelo homem primitivo.

Os contos de fadas estão presentes há milhões de anos na formação do ser humano, serviam com entretenimento explicando fenômenos naturais, relatos de vida e aventuras vivenciadas pelas pessoas. Esses relatos tratavam de temas que faziam parte do cotidiano das pessoas e apresentavam soluções para os problemas universais vivenciados no período, que muitas vezes não eram voltados às crianças.

Ribeiro e Oliveira (2007), no ensaio “Literapia para curar a síndrome do ninho vazio na velhice”, lembram que

(...) as histórias hoje, transcritas, reescritas, transfiguradas, reinventadas, recontadas, guardam o tesouro inestimável do imaginário antigo e o perfil da alma humana de todas as épocas porque conservam as tradições artísticas culturais desse imaginário. (RIBEIRO E OLIVEIRA, 2007, p. 80)

De acordo com Barbosa (1991) e Tatar (2002), até o século XVII e XVIII, os contos não eram destinados às crianças, mas eram narrados a qualquer pessoa, de qualquer idade e relacionavam-se a uma tradição narrativa que fluía especialmente através da fala das mulheres camponesas, as quais reproduziam histórias retiradas do folclore, nas quais expressavam sua inconformidade com os valores da época.

De acordo com Mendes (2000), a figura da mulher em destaque nos contos de fada é de suma importância. Assim, segundo a autora, fadas, princesas, bruxas, rainhas malvadas e até mesmo as tias, avós e mães que narravam as histórias às crianças possuem papel de destaque nos contos.

Algumas narrativas como o conto “Amor e Psique”, escrito pelo filósofo grego Apuleio no século II a.C., e o conto “A Bela e a Fera”, escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, a Dama de Villeneuve, em 1740, mostram a mulher submissa ao amado, se redimindo aos costumes de uma forma natural. Essas narrativas ficaram inalteradas durante anos. Segundo Tatar (2002, p.29), só a partir da obra “Chapeuzinho Vermelho, de Perrault, publicado no final do século XVII, nos dá uma versão literária de um conto então amplamente disseminado na cultura oral dos contadores de histórias”.

Portanto, é possível percebermos que a cada ano que se passa buscamos melhorar a interpretação da vida e identificar o quanto nossa mente vem se desenvolvendo.

Ao contrário do que diz o mito antigo, a sabedoria não irrompe integralmente desenvolvida como Atenas saindo da cabeça de Zeus; é construída por pequenos passos a partir do começo mais irracional. Apenas na idade adulta podemos obter uma compreensão inteligente do significado da própria existência neste mundo a partir da própria experiência nele vivida. (BETTELHEM, 2002, p. 3)

De acordo com esses aspectos é possível perceber a contribuição dos contos ao longo dos séculos. Segundo Góes (1991, p.80), “os contos de fadas

surgiram do mais reservado da alma do homem e são passados de geração em geração por meio da forma oral.” Como podemos analisar, essas narrativas foram sendo utilizadas por diferentes culturas, muitas dessas histórias se perpetuam ao longo dos anos, passando da Idade Média para a Moderna até a expansão através da literatura popular.

Somente a partir do século XVII, essas narrativas da imaginação popular dotadas de asas, poderes, beleza e bondade começaram a serem aglomeradas, repaginadas e recontadas por escritores mundialmente conhecidos atualmente como os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, Perrault, La Fontaine e Andersen, que foram os primeiros escritores a reescrever os contos populares existentes até a época.

1.1 SURGIMENTO DAS FADAS E DAS BRUXAS

Diferentes pesquisadores e historiadores realizaram inúmeras pesquisas, mas pouco se sabe sobre a origem das fadas e das bruxas. Uma das poucas pistas existentes indica que as fadas surgiram dos povos celtas, povo místico que admiravam a magia da cultura, dos espíritos e adoravam criar figuras sobrenaturais, como fadas e druidesas.

Comprova-se que as fadas tiveram origem comum em função do próprio termo que as designa: “fada”. Sua primeira menção documentada em textos novelescos foi em língua latina: fata (oráculo, predição), derivada de fatum (destino, fatalidade). Nas línguas modernas: fada (português); fata (italiano); fée (francês); fairy (inglês); feen (alemão) e hada (espanhol). (COELHO, 2010, p.78).

Baseada nas pesquisas realizadas, Coelho (1991) cita a origem das fadas:

Enfim, o que se divulgou durante a Idade Média até a Renascença, como peculiar ao espírito celta, levou os estudiosos a determinarem, quase com exatidão, o povo no seio do qual nasceram às fadas: o povo celta. (COELHO, 1991, P. 33)

De acordo com Coelho (2010, p.77), “os celtas consideravam os rios, as fontes e os lagos lugares sagrados. A água era reverenciada como a grande

geradora da vida. Foi na água que a figura da fada surgiu entre os celtas”. Elas ficaram conhecidas como seres encantadores, de uma beleza sublime que se exibia em forma de mulher, interferiam na vida dos homens para ajudar em situações de limite, mas a partir do momento em que passavam a ter comportamento negativo se transformavam em bruxas.

Foi a partir da cristianização do mundo ocidental (conversão de indivíduos ao cristianismo) que as fadas são mulheres gentis, generosas e belas mediadoras entre os seres humanos e a felicidade. As bruxas são mulheres más, destrutíveis, feias, terríveis, se vestem com roupas de tons escuros arrepiantes. Possuem um papel contrário ao das fadas, são invejosas, ambiciosas, devido a isto que nos contos as bruxas no fim são mortas ou postas em fuga, ou se redimem e se tornam servas do bem.

1.2 MITOS, LENDAS E FÁBULAS

No livro “O Conto de Fadas”, da autora Coelho (1991), explica que existem muitas diferenças entre os mitos, as fábulas e contos de fadas, porque além de encantarem crianças e adultos, muitas vezes tem abordagens e finalidades diferentes.

Segundo Eliane (1972, p.12), “tudo o que é narrado nos mitos concerne diretamente a eles, ao passo que os contos e as fábulas se referem a acontecimentos que, embora tendo ocasionado mudanças no Mundo, ... não modificaram a condição humana como tal.”.

De acordo com a autora Eliane (1972), para os primitivos há uma grande diferença entre contos de fadas, fábulas e mitos, pois os mitos são histórias verdadeiras, os contos e as lendas são histórias falsas.

A palavra mito vem do termo grego *mythos* que significa narrativas. Segundo o dicionário Aurélio (2008), mito significa relatos sobre seres e acontecimentos imaginários, acerca dos primeiros tempos ou de épocas heroicas. Em seu livro “Mitos e Realidades”, a autora Mircea Eliade (1972) explica que

(...) o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobre tudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. (ELIADE, 1972, p. 8)

De acordo com Eliade (1972), os mitos eram narrativas indígenas, protagonizadas geralmente por deuses, entes sobrenaturais e animais miraculosos. Eliade (1972) lembra que

Os mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje — um ser mortal, sexuado, organizado em sociedade, obrigado a trabalhar para viver, e trabalhando de acordo com determinadas regras. (ELIADE, 1972, p.13)

Segundo Eliade (1972, p. 13), “se o mundo existe, se o homem existe, é porque os entes sobrenaturais desenvolveram uma atitude criadora no "princípio"”. De acordo com Eliade (1972), os mitos são narrativas primordiais que sobre formas alegóricas, explicam de maneira intuitiva, religiosa, encantadora ou mágica, os fenômenos da vida humana e da natureza.

A palavra fábula, segundo Coelho (1991, p. 146-147), “fábula (lat. fari = falar e gr. phaó = dizer, contar algo) é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade”.

De acordo com o dicionário Aurélio (2008), a palavra fábula significa narrações alegóricas cujas personagens são em regra animais, que encerram lições de moral. Segundo Coelho (1991, p. 82), “(...) pode-se dizer que, no geral, a fábula visa aos costumes, ao comportamento social dos homens...”. Ao que completa Couso Cadahya (1991, p.7): “ela surge das fundas cavernas da sabedoria, da imaginação e do viver cotidiano”.

La Fontaine foi um dos grandes escritores e criadores de fábulas. Segundo Coelho (1991, p.82), "(...) as fábulas de La Fontaine são verdadeiros textos cifrados que denunciavam misérias, desequilíbrios ou injustiças de sua época".

De acordo com Coelho (1991), as fábulas tem a função de mostrar de uma forma mágica, os acontecimentos vívidos pelo autor.

A palavra lenda, segundo o dicionário Aurélio (2004), significa Tradição popular. A esse respeito, Bayard (2002) diz que

A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa "o que deve ser lido". No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires (*Voragine*); eram lidas nos refeitórios dos conventos. Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se. Atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho. (BAYARD, 2002, p. 5)

Ainda de acordo com Bayard (2002), as lendas existem há muitos anos desde a formação dos clãs, da sociedade. Os temas abordados são baseados na preocupação do desenvolvimento das culturas e tem o fundamento de atrair os indivíduos para o mesmo caminho. Possuem um forte componente simbólico, sendo contadas de geração por geração, transmitindo conhecimento e alertas sobre perigo, qualidades de Deuses ou personagens sobrenaturais.

No Brasil, há várias lendas e mitos para adultos e crianças, das quais muitas delas têm origens indígenas. As mais conhecidas são a do Saci Pererê, da Mula sem Cabeça e a do Curupira, sendo narrativas que enfocam a cultura brasileira.

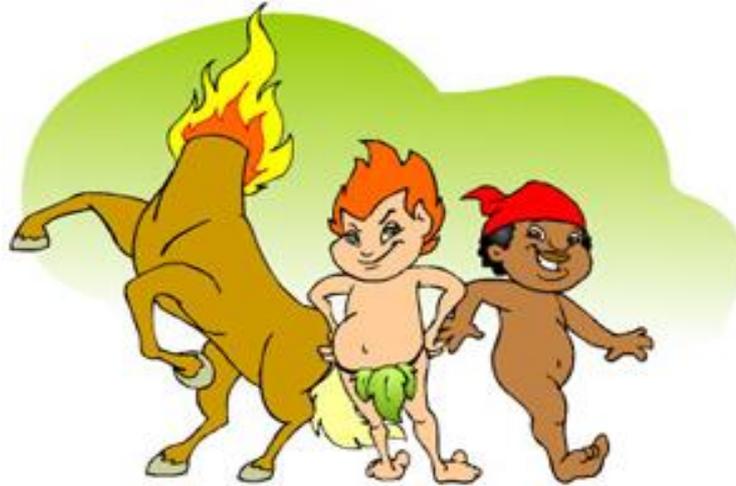


Imagem 01: Mula sem Cabeça, Curupira e Saci Pererê

Diante do exposto, torna-se compreensível a estreita relação entre a criança e conto de fadas, mitos, fábulas etc., haja vista o poder e o fascínio pela a imaginação e a fantasia inerente a querer ser humano quiçá a criança.

1.3 A CRIANÇA E OS CONTOS DE FADAS

Conforme afirmado anteriormente, os contos inicialmente não eram destinados às crianças. A respeito, Zilberman (1987) diz que

(...) as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, participando de costumes da época inclusive orgias. Como dizia Rousseau “o Homem nasce bem, a sociedade o corrompe” desta forma achava que a criança devia ficar o menos possível com a sociedade, o mundo sendo cruel a deformaria, ela só precisava de proteção. (ZILBERMAN, 1987, p. 72)

Sendo assim, os primeiros livros sobre contos eram voltados ao público adulto. De acordo com Tatar (2004),

John Updike nos lembra que os contos de fadas que lemos hoje para as crianças tiveram suas origens numa cultura em que histórias eram contadas entre adultos: “Elas eram a televisão e a pornografia de seu tempo; a subliteratura que iluminava a vida de povos pré-literários.” Considerando as histórias em suas primeiras formas escritas, descobrimos preocupações e ambições que se amoldam às angústias e desejos adultos. (TATAR, 2004, p. 9)

Segundo Coelho (1991), Charles Perrault (1628-1703) foi o primeiro autor a escrever um livro de estórias voltadas às crianças. Perrault sentiu-se atraído por

esses relatos magníficos e pela memória do povo. Em 1697, ele começou a reunir as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, governantes e serventes que forneceram a matéria-prima para sua primeira obra literária infantil intitulada “Os contos da Mamãe Gansa”.



Imagem 2: “ Contos da Mamãe Gansa”,
Frontispício da Primeira edição 1675.

O frontispício da primeira edição impressa dos contos de fadas de Perrault nos leva para junto da lareira. Como ponto mais aquecido da casa, era o lugar perfeito para se praticar prendas domésticas (neste caso, a fiação) e contar histórias. O gato, a porta com a fechadura, a roca – tudo prenuncia o que virá no volume. O Gato de Botas, Barba Azul e A Bela Adormecida. As três crianças parecem ser de uma classe sócia mais alta que a dessa Mamãe Gansa, que é ao mesmo tempo fiandeira e contadora de histórias. (TATAR, 2002, p.18)

Contudo, segundo Souza (1996), Perrault teve o cuidado de reunir as narrativas populares e de reescrevê-las, readaptando os contos e apresentá-los como literatura infantil, conservando a essência e a cultura presentes nessas narrativas. Coelho (1991) explica que não se sabe as intenções de Perrault ao realizar tão grande feito, mas deve-se analisar o período histórico em que o autor vivia, o qual foi o cenário ideal para a realização de sua obra.

O segundo autor Jean de La Fontaine (1621-1695) surgiu na mesma época que Perrault, mas seguia uma linha de narrativa diferente. Coelho (1991, p.81) diz que a La Fontaine “coube a tarefa não só de restituir à fábula em verso todo o seu relevo literário, mas também a de elevá-la ao nível da poesia, alimentada por um novo pensamento filosófico”. Ele se dedicou ao resgate de antigos contos

moralistas, guardados pela memória popular os quais sua mãe os contava desde pequeno.

Segundo Coelho (1991, p.82), “com esse rótulo geral [Fábulas], La Fontaine reuniu todos os breves poemas narrativos que constituem os doze livros que resultaram de suas pesquisas e criação, durante 25 anos de trabalho”.

Nas fábulas, as situações narrativas demonstram erros de comportamento, intrigas, desequilíbrio e muitas vezes as injustiças que aconteciam na vida da corte ou entre o povo.



Imagem 03: Capa da edição das "Fábulas", de 1678

De acordo com Altman (2010), em 1668, La Fontaine publicou suas primeiras fábulas, num volume intitulado "Fábulas Escolhidas". O livro era uma coleção de 124 fábulas, dividida em seis partes. Esta obra foi dedicada ao filho do rei Luís XIV. As fábulas continham histórias de animais, contadas de uma forma mais ética entre elas, como O lobo e o cordeiro, A raposa e as uvas, A cigarra e a formiga, entre outras. As histórias foram escritas em uma linguagem simples e atraente para as crianças, as fábulas de La Fontaine conquistaram imediatamente os seus leitores.

Perrault e La Fontaine foram fundamentais para o reconhecimento da história da literatura infantil, porém somente no século XVII com Irmãos Grimm (Jacob (1795-1863) e Wilhelm (1786-1859)), que a literatura infantil se desenvolveu pela Europa e pela Américas.

Segundo Coelho (1991), os irmãos Grimm eram folcloristas, alemães, que se basearam nos relatos populares para a realização de suas obras, as importantes pesquisas feitas por eles deixaram um vasto acervo histórico de lendas e fabulas em suas pesquisas recolheram dados de camponeses, pastores, comadres de aldeias, barqueiros, músicos e cantores ambulantes.

Por volta de 1854, os Irmãos Grimm publicaram a primeira obra a qual carregava fantasia que encantava adultos e crianças. Segundo Tatar (2002),

Tanto Perrault quanto os Grimm se empenharam em extirpar os elementos grotescos, obscenos, dos contos originais dos camponeses (em algumas versões, Chapeuzinho Vermelho come os restos do lobo, saboreando a “carne” e o “vinho” na despensa da avó). Reescreveram os episódios de modo a produzir um conto moralmente edificante que encerra uma série de mensagens sobre a vaidade e a ociosidade. (TATAR, 2002, p.28).

O trabalho dos irmãos Grimm ganhou dimensões das quais romperam as fronteiras nacionais e espalharam pelo mundo tradições populares alemãs que encantam crianças, jovens e adultos por onde passavam.



Imagem 04: “A história cômica”, de George Cruikshank, 1823

Os contos dos irmãos Grimm se espalharam rapidamente pelo mundo. A imagem 03 foi feita por George Cruikshank. Segundo Tatar (2002), foi feita

(...) para a primeira tradução britânica dos contos de fadas dos Grimm, Contos populares alemães, George Cruikshank produziu uma cena ao redor da lareira em que uma plateia de idades variadas se diverte com as histórias lidas de um volume de contos. (TATAR, 2002, p.20)

A imagem demonstram bem que a família se reunia para contar e ouvir os contos, as fábulas e crenças populares. Naquela época, tanto adulto como crianças se aconchegavam ao redor da lareira para escutar as histórias. Entre suas obras, temos João e Maria, A bela Adormecida, entre outras.

Outro escritor que ficou famoso entre as crianças foi Hans Christian Andersen (1805-1875), diferente dos Irmãos Grimm, ele se inspirava no cotidiano das pessoas e não no mundo mágico. Coelho acrescenta que

(...) os contos de Anderson, resgatados do folclore nórdico ou inventados, mostram a sociedade as injustiças que estão na base da sociedade, mas ao mesmo tempo, oferecem o caminho para neutraliza-las: a fé religiosa. Como bom cristão, Anderson sugere a piedade e a resignação, para que o céu seja alcançado na eternidade. (COELHO, 1991, p.25)

No início da carreira de escritor Andersen apenas fazia adaptações aos contos populares. Após um tempo realizando essas adaptações, Andersen se encorajou e passou a publicar contos inventados por ele mesmo, os quais revelavam os momentos vividos em sua época. Seus contos se diferenciavam dos Irmãos Grimm e de Perrault porque em suas narrativas a história se envolvia entre tristeza e dor as quais são compensadas pela ternura humana. Entre suas obras se encontra O Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, entre outras.

A leitura é, sem dúvida, uma das mais belas experiências vivenciadas pelo ser humano. O contexto de cada história é recheado de emoção, aventura, cultura e momentos históricos dos quais são passados de geração em geração, sem perder o encanto e a beleza.

CAPÍTULO II

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS NO COTIDIANO INFANTIL

Contar e ouvir histórias são atividades muito antigas. As narrativas contadas na infância ficaram gravadas na memória de muitas pessoas. Diante destas lembranças e baseado no que foi visto no capítulo antecedente, é possível identificarmos vários aspectos que são abordados nos contos de fada, dos quais proporcionam momentos lúdicos, movidos pela magia e a fantasia. E é nesse enredo que a importância dos contos e fadas no cotidiano infantil, surge como uma manifestação cultural.

De acordo com Rana, coordenadora Pedagógica;

(...) é o adulto leitor que mostra às crianças o significado da escrita que está nos livros. Ao escutar uma história, as crianças entram na narrativa e compartilham as sensações dos personagens. Assim esse seria o momento de ampliar o repertório e dar maior organização ao pensamento. (NOVA ESCOLA, 2008, p.57)

Segundo Coelho (1991), através dos contos de fadas é possível despertar nas crianças o encanto em ouvi-las, e isso é importante para o desenvolvimento de qualquer criança, pois estimula a criatividade, a imaginação, a brincadeira, a leitura, a escrita, a música, o querer ouvir novamente, desenvolvendo dessa forma a oralidade nas crianças dessa faixa etária. Considera ser este um importante e significativo veículo de comunicação entre elas.

Bettelheim (2002) aborda em sua obra “A psicanálise dos contos de fadas” muitos aspectos importantes na ampliação e aprendizagem da criança ao longo de sua vida. De acordo com Bettelheim (2002, p.20), “(...) uma estória que por uma razão tinha sido significativa para ela quando criança e forneceu-lhe uma orientação na adolescência por razões completamente diferentes.”.

Bettelheim (2002) afirma que

(...) enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece, sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e

diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 2002, p.20)

Bettelheim (2002, p. 34) cita que o conto “ajuda as crianças a desenvolverem o desejo de uma consciência mais elevada, apelando à nossa imaginação e ao resultado atraente dos acontecimentos, que nos seduz”.

Diante das afirmações feitas por Bettelheim (2002), é plausível uma reflexão sobre a contribuição dos contos no desenvolvimento das mais variadas etapas da vida. Através das histórias, o contador pode despertar a imaginação dos ouvintes e transportar esse ouvinte para o mundo da fantasia que está sendo criado ao seu redor, abrindo portas para a imaginação, aos sentimentos e emoções.

2.1 VALORES, SENTIMENTO E EMOÇÕES DA CRIANÇA

Apesar da criança conviver no mesmo mundo dos adultos, ela pensa, sente e vê de forma diferente. Segundo Bettelheim (2002);

(...) a vida intelectual de uma criança, fora das experiências imediatas dentro da família, dependeu das estórias míticas e religiosas e dos contos de fadas. Esta literatura tradicional alimentava a imaginação e estimulava as fantasias. Simultaneamente, como estas estórias respondiam às questões mais importantes da criança, eram um agente importante de sua socialização. (BETTELHEIM, 2002, p.23)

De acordo com Bettelheim (2002), os contos de fadas são ferramentas de conhecimento e troca de experiências para as crianças. É através do conto que a criança se imagina segura para viver em sociedade.

É tal segurança (parcialmente imaginada) que, quando experimentada por tempo suficiente, permite à criança desenvolver aquele sentimento de confiança na vida de que ela necessita para crer em si mesma - uma confiança necessária para que aprenda a resolver os problemas da vida através de suas próprias e crescentes habilidades racionais. (BETTELHEIM, 2004, p.52)

Segundo Bettelheim (2002), os contos de fadas tem uma linguagem de fácil compreensão e com isto a criança adquire habilidade de lidar com as coisas, familiarizando a imaginação com os fatos reais. Considerando que,

(...) é por meio da fantasia, da imaginação da emoção e do ludismo que a criança aprende a sua realidade, atribuindo-lhe um significado, veremos que o mundo da arte é o que mais se aproxima do universo infantil, á medida que falam a mesma linguagem simbólica e criativa. (FRANTZ, 2005,p. 32)

De acordo com Tatar (2004), os contos de fadas contêm mensagens sobre comportamento, valores, atitudes e maneiras de explicar o mundo mais adoçados com enredos fantásticos e uma conversa comovente. É essa doçura que atrai as crianças na qual elas se espelham.

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 2002, p. 6)

Pina (2010) em sua reportagem intitulada “Por trás dos Contos de Fadas” diz que

(..) os contos de fada nos ensina a lutar contra forças invencíveis, superar nossos medos, buscar nosso conhecimento, enfrentar os desafios, nunca desistir e, dentre tantos outros saberes, a identificar qual a hora certa para agir. Um verdadeiro alimento para nossa alma! (PINA, 2010, p.1)

Conforme Pina (2010), os contos ajudam a retirar a carga emocional presente nas pessoas, elas deixam de olhar seus problemas de forma tão individual.

O efeito causado pelos contos é sempre muito positivo; toda magia do conto cria um momento especial de cumplicidade entre as pessoas. Os contos nos dão verdadeiras lições de como resolver problemas complexos da vida. Não é necessário acreditar nos feitos heróicos presentes neles, pois certamente isso não passaria pelo crivo da razão, no entanto isso não impede que atinjam outras camadas, para além do inconsciente.

As histórias falam “da realidade do ser humano, de sua busca, de seus traumas e dificuldades para lidar com papai e mamãe, de seus desejos de ser herói, dos monstros que às vezes sente que tem que combater durante sua vida...”. (PINA, 2010, p.1)

Segundo Tatar (2004), as crianças que ouvem e leem contos de fadas podem “adquirir maturidade emocional”. Pina (2010) diz que através dos contos de fadas

(...) as crianças se identificam com as personagens dos contos e assim conseguem vivenciar seus sentimentos de abandono, rejeição, nascimento de irmãos, ciúme, o fato de ser a(o) filha(o) preterida(o) ou a(o) mais querida(o) etc. com essas personagens; com elas são submetidas às mais terríveis provas, com a vantagem de poderem pedir ajuda para seres fantásticos ou animaizinhos humanizados. Esses animais representam tendências humanas arquetípicas. Não representam os verdadeiros instintos dos animais, mas também nossos instintos animais, isto é, se o tigre representa na história a agressividade ou a avidez não é aquela característica realmente do tigre, mas a nossa própria agressividade ou avidez. Os animais são portadores da projeção de fatores psíquicos humanos. (PINA, 2010, p.1)

De acordo com Tatar (2004), a linguagem e os valores empregados nos personagens são bem visíveis. No conto de fadas *Os três porquinhos*, por exemplo, a história recorre a fórmulas repetitivas para captar a atenção da criança e enfatizar uma lição sobre segurança e proteção. Já no conto de fadas *Cinderela*, a história sugere a importância do respeito à propriedade alheia e as consequências de “experimentar” as coisas que não nos pertencem.

Coelho (2004) afirma que é por meio dessas perspectivas positivas que os contos de fadas deixaram de ser vistos como uma leitura de entretenimento infantil nas escolas e vem sendo redescobertos como autênticas fontes de conhecimento.

2.2 OS CONTOS DE FADAS COMO LEITURA

De acordo com Machado (2002, p. 68), “muitas vezes os Contos de Fadas não recebem seu devido valor como obra literária por parte de alguns críticos. De forma pejorativa muitas vezes são consideradas apenas histórias infantis e, por isso, vistas como pouco importante”.

Toda literatura deveria ser classificada como arte, pois para a arte não existe idade. Conforme imergimos em uma leitura, passamos a fazer parte dela, ao menos por um tempo nos tornamos cúmplices. Ao idealizar as vozes dos personagens, atribuímos sons as paisagens e temas para canções e rimas, assim construímos um novo texto paralelo ao que lemos. Segundo Ana Maria Machado (2002),

Ler uma narrativa literária (como ninguém precisa ensinar, mas cada leitor vai descobrindo à medida que se desenvolve) é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar

sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele não é no mundo cotidiano. (MACHADO, 2002,p.77)

Quando a criança é introduzida num mundo rico de simbolizações, as narrativas podem assessorar no seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Ao escutar uma história ou lê-la, a criança instrui a imaginar e, aos poucos, internaliza seu enredo podendo recontá-lo a outras pessoas, como em casa quando os pais lhe perguntarem sobre o que aprendeu na escola.

A leitura infantil é rica em conteúdo dos quais podem ser utilizados pelos adultos como facilitadores na transição de conhecimento, ou simplesmente abrir portas para um diálogo entre adulto e criança. Tatar (2004) enfatiza que

(...) por meio de histórias, adultos podem conversar com crianças sobre o que é importante em suas vidas, sobre questões que vão do medo do abandono e da morte a fantasias de vingança e triunfos que levam a finais “felizes para sempre”. Enquanto olham figuras, leem episódios e viram páginas, adultos e crianças podem estabelecer (..) pensamento sobre assuntos similares do mundo real. (TATAR, 2004,p.12)

A falta de informação dos pais, principalmente em relação aos benefícios dos contos de fadas, fez com que a literatura infantil ficasse vinculada às escolas e se tornasse uma reprodução dos valores ideológicos do meio em que o adulto vive.

2.3 OS CONTOS DE FADA E A ESCOLA

A relação dos contos de fadas com a escola é vista hoje em dia como a única fonte de ligação entre o mundo da imaginação com a realidade, visto que os pais devido à modernidade abandonam o hábito da leitura em casa. Atualmente é raro nos depararmos com famílias que se reúnem para saborear uma boa leitura.

De acordo Abramovich (1991), a literatura infantil é uma arte que já foi incorporada à escola e na verdade deveria ser algo que todas as crianças tivessem acesso de uma forma livre, com prazer e encantamento, e não como uma obrigação, um dever.

Em muitos casos, a iniciação à leitura começa como uma obrigação, uma maratona, em que uma determinada leitura deve ser lida num determinado período,

e após esse período o aluno deve entregar um relatório da análise feita em cima da leitura. Aspectos como estes que esbarram na imaginação e a criatividade da criança.

Segundo Coelho (1997), são nos primeiros anos de vida escolar que as crianças se encantam com os contos de fadas. Elas ficam maravilhadas com os enredos das narrativas, cheias de príncipes, princesas, castelos etc.

De acordo com Coelho (1991), é através dos contos de fadas que é possível despertar nas crianças o prazer em ouvi-las, e isso é importante para a formação de qualquer criança, pois estimula a criatividade, a imaginação, a brincadeira, a leitura, a escrita, a música, o querer ouvir novamente, desenvolvendo dessa forma a oralidade nas crianças dessa faixa etária, considerado como um importante e significativo veículo de comunicação entre elas.

Os contos de fadas são ferramentas fáceis de usar, o professor pode e deve se esbaldar entre as histórias para montar métodos de ensino que transmitam à realidade de uma forma clara à compreensão das crianças. De acordo com Abramovich (1991),

(...) pode contar qualquer história à criança: comprida, curta de muito antigamente ou de dias de hoje, contos de fadas, de fantasmas, realistas, lendas, histórias em forma de poesias ou de prosas... Qualquer uma desde que ela seja conhecida pelo contador... O critério de seleção é do narrador e o que pode suceder depois depende do quando ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto (ABRAMOVICH, 1991, p. 20)

Essa é a liberdade que os contos de fadas trazem para a sala de aula, para o professor e para o aluno. Liberdade de se montar e de se modificar a leitura, conforme a necessidade do professor ou do momento. De acordo com Coelho (1997), nem toda história vem no livro pronta para ser contada. A linguagem escrita, por mais simples e acessível, ainda requer adaptação verbal que facilite sua compreensão e a torne mais dinâmica, mais comunicativa. Sendo assim, é possível perceber que a escolha da história que será contada em sala de aula é de vital importância para que o professor possa envolver os alunos na contação de história e, principalmente, desenvolver seu interesse.

O professor em sala de aula tem total liberdade para criar possibilidade, o lúdico aliado à leitura é uma ferramenta ótima para um professor. Segundo Coelho (1991),

(...) a contação de histórias pode ser de maneira lúdica, fácil, e subliminar, por que ela atua sobre seu pequenos leitores, levando-os a perceber e a interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação, ao lhes propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação no mundo que os rodeia. (COELHO, 1991, p. 123).

Sendo assim, o professor não deve arrumar desculpas para não utilizar os contos de fadas em sala de aula, pois os contos de fadas estão em todos os lugares, em nossas mentes, no nosso dia a dia, basta pararmos para imaginar.

CONCLUSÃO

Através deste trabalho, podemos concluir que a literatura dos contos de fadas são imperdíveis tanto para as crianças quanto para os adultos. Através da magia, a imaginação nos leva a um conhecimento intenso de nós mesmo e nos trazendo ao mundo real as fantasias dos contos.

Narrar histórias ajuda a criança a lidar com suas dificuldades, medos e anseios, os contos podem estimular a criança a elaborar suas próprias ideias e ações influenciando positivamente no cotidiano das crianças.

Ao se unir os contos de fada com leitura, e fazer uso da mesma nas escolas, pode se permitir aos adultos oportunidades de transmitir o conhecimento e os anseios da vida de uma forma lúdica e condizente com os problemas vivenciados pelas crianças.

Alguns contos mostram que as dificuldades são inevitáveis e que a pessoa não deve ter medo, mesmo estando em uma situação de medo, devemos encarar, assim iremos vencer. Os contos procuram fazer com que a criança perceba que a desonestidade e a mentira não compensam, pois sempre levaram à punição que merecem e que o bem sempre vence no fim, por isso devemos ser heróis enfrentar o mal, ser forte e bondoso assim venceremos.

As informações contidas nos contos auxiliam a criança no seu desenvolvimento e em sua formação de caráter, de postura e de convívio social

RÉFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1991.

ALTMAN, M. **Hoje na História: Morre o Autor de fábulas La Fontaine**. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/3645/conteudo+opera.shtml>> Acesso em : 25 de Abr. 2013.

BAYARD, JP. **Histórias das Lendas**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>> Acesso em 25 de Abr. 2013.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARBOSA, M. T. **Mitologia poética dos contos de fadas no Brasil**. Diss. Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1991.

COELHO, B. **Contar Histórias Uma Arte Sem Idade**. São Paulo. Ática, 1997.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil Teoria Analise Didática**. 7ª edição. São Paulo. Moderna, 1991.

COUSO CADAHYA, X. L. **Ensaio e crítica**. Fábulas galegas. Santiago de Compostela: Gotelo Blanco, Edicións, 1991.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. Martins Fontes, 1972.

FERREIRA, A. B. e H. **Míni Aurélio da língua portuguesa**. 6 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí: Unijuí, 2005.

GÓES, L. P. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

KUPSTAS, M. et ali **Sete Faces do Conto de Fadas**. São Paulo: Moderna, 1992.

MENDES, M. B.T. **Em buscas dos contos perdidos**: O significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Unesp, 2000.

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**: projeto de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses; revisão Maria Aparecida Bessana. São Paulo: Pioneiro Thomson Learning, 2002.

PINA, V. M. G. S. **Por trás dos Contos de Fadas**. Disponível em : <<http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/22/artigo65993-4.asp>> Acesso em 10 de Março de 2013.

REVISTA, Nova escola, nº 217 São Paulo, Abril, 2008.

RIBEIRO, G. et al. **Corpo e alma: terapia biopsicossociais**. João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2007.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SOUZA, A. L. de. **Contos de fadas**: Grimm e a literatura oral no Brasil. Belo Horizonte: Lê, 1996.

TATAR, M. **Contos de Fadas**: Edição Comentada e Ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ZILBERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1987.

